

Formação das bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo

Gabriela Bazan Pedrão

Mestre; Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho";
gabriela.bzp@gmail.com

Eduardo Ismael Murguia

Doutor; Universidade Federal Fluminense;
murguia@vm.uff.br

Resumo: O presente trabalho pretende contribuir para os estudos que aprofundem o universo do colecionismo e dos colecionadores, dando especial ênfase às relações com os livros. Assim, foram realizadas duas entrevistas com a finalidade de descobrir as peculiaridades do colecionismo, focando a atenção nas relações do indivíduo com o tempo e o espaço. Os resultados foram bastante esclarecedores no sentido de poder afirmar que as relações com os livros, do ponto de vista do colecionismo, possuem características diferentes das de qualquer outro objeto.

Palavras-chave: Colecionismo. Coleções. Bibliotecas pessoais. Livros.

1 Introdução

O presente artigo é um estudo de caso sobre o fenômeno do colecionismo e os colecionadores no universo específico dos livros. A pesquisa foi realizada no ano de 2009, na cidade de Ribeirão Preto (SP), sob os auspícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Esse aspecto ainda é pouco explorado pela Biblioteconomia, pois seu olhar é frequentemente direcionado para as bibliotecas institucionais, deixando de lado uma questão importante: a relação do indivíduo com os livros no momento da formação de uma biblioteca.

O objetivo principal dessa pesquisa consiste em tratar mais profundamente as questões que cercam o mundo do colecionismo, coleções e colecionadores. O trabalho foi desenvolvido através de um estudo feito com uma bibliografia base estruturada e entrevistas com colecionadores. Assim, embora relacionando com a leitura, priorizamos pesquisar os motivos, muitas vezes difusos e obscuros, que

levam alguém a colecionar livros. Para tal, apresentamos uma discussão que nos posiciona no tema ao mesmo tempo em que introduz o leitor na dinâmica da coleção, para logo localizá-lo no âmbito mais restrito dos livros. Num outro momento, mostramos a metodologia usada para analisar os dados obtidos. Finalmente apontamos algumas considerações que fecham nossa pesquisa.

Mas, afinal, o que é uma coleção? Coleção é um termo definido no dicionário Silveira Bueno como “[...] conjunto, reunião de objetos, série.” (BUENO, 1996, p. 146). No entanto, podemos dizer que é apenas isso? Qual a diferença entre o mero acúmulo, a junção desordenada, e as coleções? Essas e muitas outras questões são frequentes quando tratamos desse tema.

A coleção é composta por objetos que têm um valor representativo, estético, fora de seu propósito original e que representam uma ideia ou sentimento. Cada peça dentro da coleção pode ter perdido seu valor monetário ou utilitário, mas foi acrescida de um valor sentimental e pessoal que apenas o dono da coleção pode lhe dar: valores que representam memórias, momentos específicos da vida, lembranças de determinadas fases ou viagens, por exemplo. Pomian, diz que:

Não é difícil de encontrar. Conjuntos de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, submetidos a uma protecção especial e expostos ao olhar, acumulam-se com efeito nas tumbas, nos palácios dos reis e nas residências de particulares. (POMIAN, 1998 p. 55).

Realmente, as coleções não são difíceis de encontrar. Oliveira, Siegmann e Coelho (2005, p. 112), dizem em seu artigo que temos a tendência de entender as coleções como objetos que pertencem à mesma natureza, mas que certamente foram reunidos porque mantêm alguma relação entre si. Essa relação pode ou não ser entendida ou percebida pelas demais pessoas além do colecionador, mas isso não é importante para ele: a coleção é algo pessoal, individual. Oliveira, Siegmann e Coelho (2005, p. 114) confirmam isso dizendo que esses objetos surgem como efeitos dos acontecimentos, fazendo com que a densidade do tempo seja carregada de memória afetiva.

Dessa forma, podemos dizer, ainda tendo como base Oliveira, Siegmann e Coelho (2005, p. 117), que a coleção é um conjunto de registros, seja de lugares passados, momentos ou pessoas que constituem a história do colecionador, levando

em conta que esses objetos são carregados de história. Assim, os objetos são selecionados como uma resposta às afecções que o colecionador possa ter tido durante o encontro de ambos, levando em conta a história que os compõe. É assim que o colecionismo se instaura.

Cavedon (2007, p. 351) diz em seu artigo que, pelos gastos, energia e investimentos dedicados a uma coleção, é natural que ela seja o que há de mais importante na constituição do ser de um indivíduo. Sendo assim, é algo muito intenso e envolvente, tanto para quem coleciona como para quem vive ao redor.

No presente trabalho escolhemos trabalhar com as coleções de livros especificamente. Assim, investigaremos quais as motivações de um colecionador a formar uma coleção desses objetos e por que eles são considerados tão especiais.

Dentro da coleção o livro ganha um papel e significado diferente, inicialmente, Cavedon (2007), citando Rouveyre, diz que:

O livro é uma obra escrita por qualquer pessoa esclarecida sobre qualquer assunto de ciência, para instrução e entretenimento do leitor. Pode-se ainda definir um livro como sendo obra de um homem de letras, coligida para comunicar ao público e à posteridade tudo quanto o autor possa ter inventado, visto, experimentado e compilado, devendo constituir material considerável para encerrar-se num volume. (ROUVEYRE, 2003 p. 15 apud CAVEDON, 2007, p. 346).

Mas como explicar quando a essência, identidade e personalidade de um indivíduo são compostas por esse objeto? Se o indivíduo que escreve é um homem de letras, como o indivíduo que toma o livro como parte de sua essência é caracterizado?

A paixão do colecionador pelos livros vai além de uma livraria ou uma editora. Cavedon (2007, p. 357) diz que colecionar livros é construir o ser de cada um - não só construir - como também manter ou reforçar por meio das posses.

2 O Colecionismo

As coleções podem ser formadas devido à intenção de montar e criar ou complementar um universo particular e subjetivo. Blom (2003, p. 263) diz que “coleccionar é preencher um vazio [...]”, ocasionado por situações ou pessoas que

passaram ou residem na vida do colecionador e que são lembradas ou representadas por objetos dentro da coleção.

Essas coleções podem ser interpretadas e descritas das mais diversas formas, mas sempre são uma reunião de objetos que age como extensões da personalidade e que valorizam determinados objetos por motivos familiares, de raridade, de valor econômico ou por motivos estéticos, constituindo um conjunto de registros, antigos ou novos, comprados ou ganhados, mas que são sempre inseparáveis da existência do colecionador.

Ribeiro (1998, p. 35) diz que colecionar é “[...] o desejo de perpetuar-se, mas, mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória.”. A coleção se torna muito mais que o mero acúmulo, se torna o legado de uma vida, uma história que é constituída juntamente com a do próprio ser, é inseparável. Ribeiro (1998, p. 35) também diz que “[...] é o meio mais direto de preservar-se.”

Artières (1998, p.10) diz que “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros.”. Então temos reafirmada a ideia da perpetuação do ser, da vontade de deixar um legado que fale de si, mesmo que ele não seja passado a diante, como uma construção que continua vivendo após a morte de seu construtor.

Artières (1998, p.10) completa dizendo que essa junção, essa vontade de acumular e organizar está ligada também ao autoconhecimento. “Refletir sobre esse ‘arrumar-se’ é em suma falar de uma coisa comum, perseguir esse infra-ordinário, desentocá-lo, dar-lhe sentido e talvez entender um pouco melhor quem somos nós.”.

Ainda nessa ideia, Moraes (1998) diz que para ele não resta dúvida de que o dom de colecionar é uma compensação para algum tipo de complexo, seja qual for, desde uma fuga, até desejos frustrados ou uma ajuda para superar momentos difíceis, mas que de qualquer maneira, é a melhor terapêutica que pode haver.

Segundo Anciães (2005), colecionar implica ordem, seriação, sistematização e conservação. Ele diz que as coleções são como embarcações sem rumo e que colecionar é reviver o passado ou se projetar no futuro através de objetos ou suas representações. O autor ainda diz que colecionar incorpora diversos valores, que

podem ou não ter ordem de prioridade. Ele define os valores do colecionismo da seguinte forma: valor artístico, que são as peças com atrativos principalmente estéticos; valor de raridade, que são as peças mais antigas e difíceis de encontrar (esse valor se acresce se a peça se mantém operacional e documentada); valor de autoria, que são peças de autores conhecidos e consagrados (esse valor pode ser acrescido se o autor for de âmbito local, regional ou nacional); valor de coleção e de contexto (esse valor pode estar na peça enquanto ela pertence a uma determinada coleção e sua relação de memória com outras peças); e, por fim, valor de identidade, que pode estar na imagem ou identidade que determinada peça pode ter entre o público que usufrui dela (são peças que se relacionam com a preservação de técnicas, memórias, públicos ou comunidades).

A coleção e o colecionador fazem parte de um único fenômeno. É impossível falar de um sem falar do outro. Mas de onde vem esse hábito, afinal? Blom (2003) dedicou toda sua obra *Ter e manter* para explicar as motivações do colecionismo. Vemos então que a ação de reunir objetos sempre existiu, mas as coleções como hoje as conhecemos começaram a formar-se principalmente a partir do século XVI. Contudo, mudanças nas características colecionadoras ocorreram com o passar do tempo.

Longe de fazer uma história do colecionismo no Ocidente, mas com o intuito de localizar e ilustrar nossa discussão levantamos algumas considerações que estimamos pertinentes. No século XVI, primava o gosto pelo diferente, desconhecido e curioso, sendo o colecionismo uma atividade desenvolvida principalmente por príncipes, pelo alto clero e pelos humanistas. Posteriormente, com a diversidade de ocupações e interesses, as coleções caíram no gosto de acadêmicos, cientistas e estudiosos, dando-lhes outras funções: principalmente a possibilidade do estudo baseado na observação de objetos capazes de enunciarem saberes através de sua aproximação e arranjo. Colecionar significava também ter conhecimento e, cada vez mais com a evolução dessa prática, as coleções buscavam representar e contar o mundo da forma mais objetiva possível.

Com o comércio em crescimento, as coleções se expandiram entre pessoas com relativamente menor poder aquisitivo que também iniciaram essa prática. Com essa expansão das trocas tem início outra atividade dentro do colecionismo: o

mercado de coleções. Surgem assim os primeiros comerciantes especializados em artigos exóticos e o que se iniciou como uma prática restrita da corte se torna uma prática de mercado. Essa expansão do fenômeno, paralelamente, ainda daria início ao aparecimento dos primeiros catálogos que mostravam tanto o conteúdo e as peças que formavam as coleções, como seus preços.

Retomando Blom (2003), para colecionar é preciso tempo e recursos, ele ainda propõe que é possível conhecer e ver em uma coleção mais curiosidades do que se poderia ver em uma vida inteira de viagens. Colecionar é guardar um mundo de maravilhas em um armário.

Para Oliveira, Siegmann e Coelho (2005), a coleção se cria pela intenção de formar um universo. Assim, atualizam-se as lembranças e inventa-se no espaço entre si mesmo e os objetos um lugar onde é possível novos arranjos da memória e ainda a intensificação do desejo do novo.

Blom (2003) ainda diz que todo colecionador é um faraó, dono de um mausoléu deixado após a morte com a intenção de não ser esquecido, possibilitando, a quem quiser, ver e tocar sua memória, seu ideal, suas crenças e sua essência. As coleções são fortalezas da lembrança e da permanência. Colecionar é salvar um mundo que se escolhe, preservar a história, tocar em algo além da nossa existência: um trabalho de amor, de ser humano (BLOM, 2003).

Ribeiro (1998, p. 41) chama atenção para o fato da facilidade da coleção: “Este, pois, o caráter por assim dizer democrático deste colecionismo, que está ao alcance de todos, bastando que nos demos ao trabalho de guardar o que não se guarda, de conservar o que se desfaz...”.

Atualmente, numa sociedade que produz objetos industriais em massa, o colecionismo se expande não unicamente no que diz respeito aos colecionadores, mas também na variedade de possibilidades de objetos a serem colecionados. Qualquer tipo de objeto, seja pela sua matéria, forma ou qualquer outro aspecto físico, mesmo que seja resultado de uma produção em larga escala, pode ser comprado, trocado ou descartado dentro do mundo do colecionismo.

3 Livros e colecionadores

Conforme o Blom (2003), os livros, desde sua invenção, sempre foram objetos de desejo e de mistério entre as pessoas, pois nunca são apenas objetos. Eles possuem também uma voz com a qual falam através do tempo e das vidas. Nesse sentido, o livro também foi um objeto cercado de conhecimentos e interesses, podendo chegar a se tornar símbolo de prestígio. Inclusive, vemos, portanto, que também há inúmeros motivos para ser objeto de desejo, chegando “naturalmente” por esses motivos a integrar pretensas coleções.

Pomian introduz o conceito de semióforo para interpretar as questões anteriormente levantadas no que diz respeito à dinâmica da apropriação e uso dos livros

Cada semióforo é introduzido numa troca entre dois ou mais parceiros e entre o visível e o invisível, pois cada um remete prioritariamente para alguma coisa actualmente invisível e que não poderia, portanto, ser designada por um gesto, mas unicamente evocada pela palavra; somente de uma maneira derivada e secundária acontece os semióforos remeterem para alguma coisa presente aqui e agora. Na medida em que substitui alguma coisa invisível, a mostra, a indica, a recorda ou conserva dela vestígio, um semióforo é feito para ser olhado, quando não examinado nos seus mínimos pormenores. Para impor aos seus destinatários a atitude dos espectadores. (POMIAN, 1998, p 80).

Vemos então que o semióforo, por esses motivos, pode chegar a ser objeto de coleção, dotado de um poder para assumir impressões, substituir discursos e preservar sentimentos. Pomian (1998, p. 86) ainda diz que o semióforo tenta reunir o que todos os objetos têm em comum, mostra-los como realizações diferentes de uma mesma. O que faz do livro, o semióforo por excelência:

Visto por esse ângulo, o livro já não é só um objecto visível: remete para um destinatário que lhe é exterior ou para um significado invisível que se supõe poder ser extraído por aquele ao lê-lo. [...] Nessa perspectiva o livro é um semióforo: um objecto visível investido de significado. (POMIAN, 1998, p.77).

No entanto, o livro antes de ser um semióforo é um objeto material que leva consigo as mais diversas memórias, desde fatos históricos até fantasias dos mais diversos tipos, as que caracterizariam as mais variadas época. Devido a esses

motivos, o livro pode se tornar um objeto dotado de significados e por último, um objeto de informação que desvende sua própria materialidade.

Outro aspecto importante se revela quando o livro vindo a ser semióforo, principalmente quando se instaura dentro de uma coleção, ele agrega outros significados além da informação, isto é, quando além de sua materialidade, ele agrega sentimentos e significados particulares:

Ser semióforo é uma função que o livro só conserva quando se adota face a ele uma das atitudes programadas pela sua própria forma: quando o lemos ou o folheamos, ou pelo menos, quando o colocamos nas prateleiras da nossa biblioteca, de uma livraria, de uma loja de alfarrabista. Trata-o também como semióforo aquele que o preserva por ver nele um livro, sem no entanto estar disposto a lê-lo, ou que só vê nele um objeto estranho ou precioso que, por essa razão, resolve guardar (POMIAN, 1998, p. 77).

Feitas essas considerações sobre o livro e seus valores de representação e memória, passamos para o colecionador. O indivíduo que tem paixão pelos livros e por colecioná-los é chamado bibliófilo. Cavedon (2007) diz que a relação dos homens com os livros, em particular a dos bibliófilos, passa por três estágios. Primeiro, os homens pensam que conseguirão ler um número de livros maior do que de fato é possível. Em um segundo estágio, consequência imediata do primeiro, passam a desejar o maior número possível de obras dos autores que gostam. No terceiro momento, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e a atração pelo livro como objeto de arte.

O colecionador de livros é dono de um acervo que evidencia um investimento de tempo, dinheiro, conhecimento, energia e que reforça suas características pessoais. Assim, é possível notar que o bibliófilos possuem certas singularidades que os tornam uma categoria específica de compradores/consumidores. Por exemplo, em alguns casos, um colecionador pode possuir mais de um exemplar de cada obra: um que contém um porque é raro e outro para ser usado na leitura, para anotações ou observações.

Podemos citar aqui como exemplo um famoso bibliófilo e colecionador, José Mindlin, que foi dono de uma biblioteca particular de aproximadamente 40 mil volumes. Ele dizia que “Bibliofilia significa nada mais, nada menos que amor aos livros, que pode ter níveis diferentes de absorção e envolvimento. O meu acabei por

chamar de ‘loucura mansa’ e não me arrependo em momento algum de ter me entregado a essa paixão.” (MINDLIN, 2009 p. 47).

Ainda com Mindlin, ele diz que:

O mundo dos bibliófilos é de grande interesse. O amor aos livros aproxima as pessoas e forma sólidas amizades, o que não impede, no entanto, rivalidades também sólidas mas amistosas quando dois bibliófilos se deparam com o obras de interesse comum. O mundo da bibliofilia, no entanto, é uma fauna que geralmente existe respeito mútuo, e os conflitos se resolvem de forma civilizada e cortês. (MINDLIN, 2009, p. 59).

Moraes (1998, p. 18) diz que:

Toda gente compra livros uma vez ou outra. Comprar livros, hoje em dia, é uma necessidade. É indispensável em algumas profissões. No entanto, uma minoria somente coleciona livros. É porque nem todos têm a sorte de possuir o dom da bibliofilia ou, se quiserem, os complexos necessários para se tornarem bibliófilos.

E ainda completa dizendo que: “coleccionar não é juntar livros. O que é difícil, o que torna um *hobby* apaixonante, é justamente a procura do que lhe falta. É o prazer em encontrar o exemplar desejado. Pode ser uma pequena fortuna ou alguns cruzeiros.” (MORAES, 1998, p. 26).

Blom (2003) diz que os livros são ao mesmo tempo relíquias de uma época diferente e de personalidades sempre jovens, capazes de se revelarem enquanto objetos, e como livros (demarcado também sua especificidade). Essas duas facetas dependem da forma como são interpretadas em cada época e por cada leitor:

Coleccionar livros é uma atividade multifacetada. Talvez seja a forma mais rica e mais ambígua de colecionar. Há os que tratam livros simplesmente como objetos, e que os abrem apenas para conferir o lugar e a data da impressão, a edição, a qualidade do papel e o tipo de letra. Podem colecionar primeiras edições, ou todos os títulos publicados por um determinado editor ou escritos por determinado autor, ou livros impressos em Würzburg ou Oxford no século XVI, ou livros encadernados numa determinada gráfica de Paris, ou encadernados em marroquim, ou livros com encadernações expressionistas, ou livros azuis, livros pequenos, livros grandes, ou exemplares raros não cortados. (BLOM, 2003, p. 229)..

Os colecionadores criam e dão forma às suas personalidades por meio de suas coleções. Cavedon (2007) ainda afirma que as emoções vivenciadas pelos bibliófilos no que se refere ao consumo, remetem a sonhos e desejos imaginários

para estabelecer relações dos mais diversos tipos, atuando como indicadores de diferentes estilos de vida.

Retomando Mindlin (2009, p. 50)

Como já disse, sou por natureza indisciplinado, fujo à rigidez de regras e, além disso, considero que o livro foi feito para nós e não nós para o livro. A formação de uma biblioteca é, aliás, uma história em si mesma. Depende, em primeiro lugar, de se saber o que se quer. Exige estudo e perseverança.

Ele ainda diz que essa biblioteca se mantém através do tempo e que a construção não é de posse eterna do colecionador, “A gente passa e os livros ficam, de sorte que acabamos por nos considerar mais depositários da biblioteca do que os seus proprietários, e a continuidade conservação e crescimento dela foram se tornando nossos objetivos” (MINDLIN, 2009 p. 54). Ilustrando isso, sua biblioteca, após seu falecimento, foi doada à Universidade de São Paulo e hoje forma a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Segundo Murguia (2007, p.102), o livro é fundamentalmente um objeto que se insere dentro de um entorno material, porém diversas atribuições lhe podem ser outorgadas:

Existem no livro características determinadas pelo seu suporte, pelos valores a ele atribuídos como símbolo social, como fetiche ou como lugar da memória, que acionam certos dispositivos subjetivos e pessoais que levam a sua posse e coleção.

Dessa forma, feitas essas considerações gerais que pretendem sinalizar as associações materiais e simbólicas do livro, e mais especificamente a dinâmica que se cria quando colecionado, passamos a observar suas relações pessoais e afetivas.

4 Metodologia

Para o desenvolvimento e estudo de um trabalho que trata de coleções de livros como centro de pesquisa, a entrevista se mostrou um instrumento extremamente adequado. Levando em consideração a temática, decidimos entrevistar pessoas que possuíssem essas coleções para ser possível ver de perto e sentir um pouco das relações particulares que cada um estabelece com sua coleção.

Antes de iniciar o processo de escolha dos colecionadores, elaboramos um roteiro para o trabalho e uma entrevista com dezenove questões de respostas abertas e livres, com o objetivo de atingir depoimentos que possibilitassem a compreensão da atividade em cada colecionador e nos desse a oportunidade de estabelecer relações entre as coleções e seus motivos.

Assim, foi decidido aplicar a entrevista a duas pessoas apenas, consideradas adequadas para as finalidades da presente pesquisa. As questões abrangeram diversas peculiaridades do colecionador e da coleção, de maneira que o entrevistado pudesse contar sua história a partir do momento em que começou a colecionar, passando pelos seus motivos, livros preferidos, postura quanto a descarte, empréstimo, maneira de adquirir itens, como eles se organizaram e até seus sentimentos sobre essa coleção ou biblioteca.

Decidiu-se que o critério da escolha de duas pessoas fosse o fato de ter uma biblioteca pessoal de aproximadamente mil itens já que consideramos que essa seria uma quantidade representativa média de um colecionador de livros, mostrando assim o perfil que evidenciasse as principais características de um bibliófilo.

A Entrevistada 1 foi uma estrangeira que possui doutorado em História Social, ela é docente de uma universidade pública do estado de São Paulo, na graduação e na pós-graduação, tem como linha de pesquisa Análise Documentária e possui experiência nas áreas de Estudos Culturais e Mediações da Informação e Cultura.

O Entrevistado 2 possui mestrado e doutorado em Patologia Experimental. Também é docente em uma universidade pública de São Paulo, tem experiência e formação na área de Medicina, com ênfase em Anatomia Patológica e Patologia Clínica. Além do trabalho na universidade, o professor tem em sua casa um espaço destinado a vivências e dinâmicas de grupo.

A primeira entrevista foi realizada no dia 10 de agosto de 2010, na sala particular da Entrevistada 1, onde ela falou sobre as perguntas gerais, mencionando sua biblioteca pessoal, que está dividida entre os lugares que mora, Ribeirão Preto e Itália.

A segunda entrevista foi realizada na residência pessoal do Entrevistado 2, em Ribeirão Preto, no dia 3 de setembro de 2010, onde foi possível também ver de

perto onde está a coleção em sua casa e os títulos que a compõe. As entrevistas foram gravadas durante o momento da execução e depois transcritas para facilitar a consulta às respostas de cada entrevistado.

5 Análise de entrevistas

Para a análise das respostas obtidas de cada entrevistado desenvolvemos um instrumento de pesquisa levando em consideração as temáticas principais da entrevista. Dessa forma, foram separadas cinco categorias que abrangeram, juntas, todos os assuntos correspondentes às dezenove questões.

Que os livros despertam mais do que curiosidade nos colecionadores já foi dito anteriormente. Agora veremos como esses colecionadores se identificam e se diferenciam dos colecionadores em geral.

As categorias privilegiadas foram:

- a) Estrutura e formação da coleção;
- b) Formas e frequência de aquisição;
- c) Estrutura física da coleção;
- d) Aproveitamento da coleção e
- e) Observações pessoais.

Estrutura e formação da coleção: temos nessa categoria as sete primeiras questões da entrevista.

Nossa Entrevistada 1 diz que sua coleção começou a ser formada a partir dos seis anos e que ainda guarda esses primeiros livros. Seu interesse por colecionar o que lia veio junto do seu gosto natural pela leitura e de uma família incentivadora e também apreciadora de leitura, que se tornou um modelo.

Ela diz também que sua coleção é composta por assuntos diversos, mas que buscam temas em comum – não são aleatórios e sem ligação. Os temas predominantes são História, Arte e uma parte com ficções. O número certo de exemplares ela não sabe, mas tem certeza de que já são mais mil.

O Entrevistado 2 também começou sua coleção na mesma faixa etária e

igualmente mantém até hoje seus primeiros livros. Seu interesse pela leitura também é relacionado à família: sua mãe, que sempre o incentivou, e um primo que possuía várias obras clássicas. O primo o incentivava da seguinte forma: se ele conseguisse ler o livro emprestado em uma semana e o devolvesse no mesmo estado em que foi emprestado, ele poderia ler a biblioteca toda.

Em relação à composição de assuntos, o Entrevistado 2 tem mais romances, poesias e obras sobre Ética e Filosofia e diversas coleções de banca de jornal. Ele tem preferência por livros nacionais, pois gosta muito de literatura brasileira, do idioma, de sua gramática e estrutura.

Vemos, então, logo nessa primeira categoria, as semelhanças quanto às influências no início da atividade colecionadora. Uma família interessada em livros sem dúvida consegue despertar, nem que seja um pouco, a curiosidade colecionadora em quem já é interessado por leitura e gosta de livros.

É possível notar também que, apesar de cada entrevistado ter suas preferências específicas, ligadas ao trabalho, pesquisa e interesses gerais, ambos têm dentro da coleção uma parte vasta de romances, ficções e poesia.

Formas e frequência de aquisição: essa categoria abrange três das questões gerais da entrevista.

A Entrevistada 1 conta que a maioria de seus livros é comprada por ela, pois as pessoas, por saberem de seu elevado número de obras diversas, evitam presentear-las com livros por medo das repetições.

A entrevistada diz também que a forma física do livro não é fator decisivo na hora da aquisição. Conta, inclusive, que já comprou edições ruins que estava procurando há tempos por não ter achado qualidade melhor. Sobre sua frequência de aquisição, a entrevistada diz que adquire obras semanalmente e que a maior parte dos gastos de lazer são dedicados à coleção.

O Entrevistado 2 também tem dificuldades em relação ao ganho de livros. As pessoas evitam esse tipo de presente pela mesma razão: o receio de a obra ser repetida. Ele diz que habitualmente compra seus livros em livrarias e muitas vezes em bancas de jornal, pois é possível encontrar coleções semanais em boa qualidade e edições especiais. Também em comum com a Entrevistada 1, o Entrevistado 2 diz

que tem o hábito de comprar livros quase semanalmente e que boa parte de seu gasto com lazer está reservado aos livros.

Vemos, assim, que a aquisição é um traço muito semelhante dos colecionadores, que dedicam parte de sua verba mensal de lazer para isso. É possível notar também a dificuldade de outras pessoas se introduzirem na coleção, pois os presentes são raros e difíceis. Somente quem tem uma convivência muito próxima pode conseguir acertar um livro que os colecionadores ainda não tenham.

Estrutura física da coleção: essa categoria abrange cinco questões da entrevista.

A Entrevistada 1 disse que possui espaços próprios para sua coleção em casa, na qual quatro partes são dedicadas a isso. A entrevistada disse também que, apesar de possuir esses espaços, eles não são suficientes para a demanda dos seus livros. Ela até já se mudou para um imóvel maior para comportar melhor a coleção.

Ela comentou que é muito difícil se desfazer de um livro e, mesmo daquele dos quais não gosta, ela não se desfaz. Tem um “cantinho especial” para esses excluídos, mas que não são nunca descartados. Ela afirmou também que já teve reclamações de pessoas do convívio próximo pelo número de livros, mas que mesmo assim não há descarte.

Seus livros não estão organizados de uma forma específica. Estão todos principalmente por assunto/temática. Não há nenhuma ferramenta de busca ou catálogo, mas ela destaca que estão todos na memória e que ao fechar os olhos sabe exatamente onde está cada um.

O Entrevistado 2, diferente da Entrevistada 1, tem em sua casa um ambiente totalmente planejado para abrigar a coleção, com estantes planejadas e localiza-se fora da casa, de forma que a coleção tem um ambiente particular e feito especialmente para isso.

Ele disse que seu espaço é suficiente, faltam apenas mais estantes. O entrevistado também não se desfaz de nenhum livro. O que acontece frequentemente é a perda de alguns. Por emprestar seus livros para vários amigos que se interessam, muitas vezes os livros não são devolvidos, e como ele tem o hábito de emprestar, frequentemente não sabe ao certo quem levou qual obra.

Quanto à organização, os livros seguem o mesmo padrão da Entrevistada 1. Estão divididos por assuntos/temáticas e, dentro desses assuntos, organizados por sobrenome do autor, em ordem alfabética. O entrevistado afirmou que começou a catalogar seus livros num computador, mas que infelizmente não foi possível concluir, pois a pessoa que o ajudava não tinha conhecimento literário e de classificação suficientes para organizar todos os livros, e até então o projeto estava parado.

Vemos, portanto, nessa categoria, algumas diferenças principalmente na organização. O Entrevistado 2 possui um espaço mais desenvolvido e planejado especificamente para a coleção, diferentemente da Entrevistada 1, que ainda tem sua coleção em espaços mais reduzidos e separados.

Quanto aos instrumentos de busca, vemos também que o Entrevistado 2 procurou iniciar um catálogo em um suporte digital para facilitar suas buscas, enquanto a Entrevistada 1 tem sua coleção totalmente memorizada, no que se diz respeito a exemplares e localização.

Um fator em comum é a insatisfação com seus espaços. A Entrevistada 1 precisa de mais espaço e o Entrevistado 2 precisa de mais estantes no espaço que possui.

Aproveitamento da coleção: essa categoria abrange três questões. Nela, o objetivo é que os entrevistados digam o quanto usufruem de seus livros e de que forma.

A Entrevistada 1 contou que todos os livros que tem já foram, pelo menos, revisados em algum momento. Ela divide seu acervo em livros que são para consulta e livros que são para leitura. Dessa forma, em algum momento, todos os livros já foram utilizados.

A entrevistada afirma que tem o hábito de marcar páginas, colocar grifos e escrever comentários. Quando a edição do livro não é de uma qualidade muito boa ela aproveita mais os espaços para suas marcações. Quando a edição é mais rara ou mais bonita, ela prefere anotar em folhas de papel que deixa nas páginas que são interessantes.

Já o Entrevistado 2 nos respondeu, antes mesmo de chegar à pergunta sobre o assunto, que não tem a oportunidade de ler tudo que possui. Ele diz ser um

comprador em excesso, mas que não deixa de comprar, pois sabe que em algum momento aquele livro vai ser lido. Declarou que às vezes, ao ouvir falar sobre um livro, percebe que o possui em sua coleção e que ele o pega para ler.

Ainda diferentemente da Entrevistada 1, ele nunca deixa marcas pessoais ou anotações em seus livros. O máximo que pode haver são livros autografados, pois ele acredita que ao marcar o livro você deixa sua impressão pessoal nele e por ter o hábito de emprestar ele prefere que as pessoas não leiam a obra com um olhar premeditado do que ele teve das partes que julgou mais importante. Para ele, o grifo nas páginas tira a liberdade da “leitura virgem” e já impõe uma leitura com opiniões e significados.

Percebemos que nessa categoria há algumas divergências entre os colecionadores quanto à oportunidade de ler tudo que possui, já que a Entrevistada 1 utiliza todos os seus livros, nem que seja como material de referência, e o Entrevistado 2 tem muitas obras que ainda não foi possível abrir.

Observações pessoais: essa categoria levou em consideração apenas a última pergunta da entrevista, que pediu ao entrevistado que falasse sobre seus sentimentos quanto a sua coleção.

A Entrevistada 1 interpretou sua coleção como algo que a define. Disse que é uma parte essencial de sua vida e que é realmente uma parte, uma extensão dela mesma.

Já o Entrevistado 2 observou que não tem um sentimento de posse, tanto que a coleção é aberta a quem quiser, mas que possui sim uma afetividade com determinadas obras que relê a qualquer momento e determinados autores que são os preferidos.

Observamos que a coleção é um alicerce para ambos, sustenta o conhecimento e a afetividade de cada um pelos seus objetos, com a diferença de que o Entrevistado 2 tem esse gosto por emprestar suas obras, o que ele deixa sempre bem claro.

Assim, é possível dizer que os colecionadores têm grande parte das características em comum com algumas particularidades. Estas são o fator diferenciador das coleções: são os detalhes que cada colecionador impõe que as tornam diferentes umas das outras.

Vemos essas características nas coleções de livros. Eles devolvem os sentimentos dos colecionadores com suas histórias mais variadas, como conhecimento, diversão ou cultura. Não importa se é antigo ou em edição ruim. Se desperta algum sentimento no colecionador, esses fatos não serão considerados. O livro na coleção é diferente a cada época, pois cada momento em que é lido ele pode representar um universo e ter um significado totalmente diferente.

6 Considerações finais

Com essa pesquisa foi possível realizar um estudo do colecionismo bibliográfico, desde uma perspectiva que adentrasse no âmbito das relações e representações pessoais que explicasse a formação de bibliotecas. Nesse sentido, observamos que dentro do colecionismo, a bibliografia adquire nuances específicas na relação estabelecida com o objeto livro.

Retomando o conceito de semióforo, vemos que o livro não é apenas um objeto visível e material, ele é a partir do momento que chega às mãos de seu destinatário, da coleção que lhe abrigará, dotado de significados invisíveis que serão extraídos por aquele que o coleciona, que o lê e dessa forma ele se torna um semióforo, investido de significados e sentimentos que completará aquela coleção.

Mesmo depois de já ter seu lugar de destino na coleção, seu espaço devidamente ocupado e com suas representações sólidas, como um semióforo o livro não se limita a apenas um significado, uma função, ele pode ser acrescido de muitas outras no decorrer da vida daquela coleção, ou por outro lado, diminuído de algumas, os semióforos são assim: podem se transformar, mudar de lugar e de significado se mantendo semióforos e mantendo também sua função principal, por exemplo. Isso é um pouco do que vimos com nossas entrevistas, livros que tem sua função principal enraizada, mas que ao decorrer dos anos são apresentados a novas outras.

Detendo-nos a essas funções vemos que os colecionadores observados buscavam atingir por meio de sua coleção a possibilidade de leitura a outras pessoas, dar a oportunidade do conhecimento e descoberta desse mundo, seja o uso pessoal ou crescimento individual como uma pessoa com mais conhecimento e disposta a

passar esse conhecimento a outras.

As coleções podem ter as mais variadas formas, tamanhos e organizações, mas foi possível perceber que o sentimento principal, as maneiras como elas se iniciam e o modo de adquirir e cuidar dos livros são semelhantes. A procura de capturar as maravilhas através da leitura e dos livros para trazê-las para o reino dos bens pessoais é comum. É a tentativa de dar sentido e marcar de um modo diferente a vida que se tem.

As coleções são todas pequenas junções sagradas de diferentes passados, fugas do presente, afirmações de personalidade, de saudade e esperança, missões de resgate destinadas a salvar da extinção algo que outros não hesitariam em jogar fora. Assim, colecionar é sempre preencher um vazio. A coleção sempre sobreviverá como um conjunto, um organismo ou personalidade e, esteja onde estiver, sempre falará pelo colecionador.

Colecionar é esquecer tudo que se sabe sobre algo para aprender novamente a cada dia. Cada nova aquisição da coleção é como se fosse a primeira: se esquece para adquirir outra verdade sobre os objetos em questão, a verdade que o colecionador vai construir e viver. Dessa forma, as coleções formam uma ponte entre nosso mundo limitado e outro muito mais abrangente e rico, como imagem reflexa do colecionador, com suas regras e seu próprio poder.

Referências

- ANCIÃES, Alfredo Ramos. Quando objectos de colecção falam das (tele)comunicações. **Episteme**, Porto Alegre, n. 21, jan./jun. 2005. Suplemento especial.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 09-34, 1998.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

CAVEDON, Neusa Rolita [et al]. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, jul./dez. 2007.

MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
MORAES, Rubens Borba de. **O Bibliófilo aprendiz**. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O Colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais do VIII Enancib**. Salvador, 2007.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As Coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005.

POMIAN, K. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 71- 95.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

Formation of libraries: an approach from the perspective of collectionism.

Abstract: The present article aims to contribute with studies of collectionism and collectors, emphasizing specially the relations with books. The study is the result of two interviews, which were specially designed to better understand the particularities of the book collectors and their relationship with time and space. The results can support the idea that the relation with books, as collectable objects, are different from any other object.

Keywords: Collectionism. Collections. Personal libraries. Books.

Recebido: 04/03/2013
Publicado: 19/12/2013

